

Na verdade, a maior parte da teoria e do raciocínio clássicos sobre organizações supôs ser uma teleologia dessa espécie o caminho mais fácil para a identificação de estruturas organizacionais e suas funções. Sob este ponto de vista, a organização é um dispositivo social para cumprir eficientemente, por intermédio do grupo, alguma finalidade declarada; equivale à planta para a construção de uma máquina que será criada para algum objetivo prático. A dificuldade essencial neste tipo de abordagem é que, caracteristicamente, uma organização inclui mais ou menos do que foi indicado por seu fundador ou do que era propósito de seu líder. Alguns dos fatores presumidos no esquema podem estar ausentes ou tão distorcidos na prática operacional, que não chegam a ter qualquer significado, ao passo que embelezamentos não previstos dominam a estrutura organizacional. Acresce a isso que nem sempre é possível descobrir o esquematizador da organização ou descobrir as complexidades do esquema formado em sua mente. A tentativa feita por Merton (1957) para lidar com a função latente da organização, em contraste com a função manifesta, é um dos modos de enfrentar tal problema. O estudo de consequências não previstas, bem como o das que estavam previstas para o funcionamento organizacional, é, também, um modo semelhante de atacar a matéria. Uma vez mais, no entanto, estamos de volta às finalidades do criador ou líder, lidando com consequências não previstas, sob a suposição de que podemos descobrir quais as que foram por ele antecipadas, e então juntar todos os resultados como uma espécie de variância de erro.

Entretanto, *teoricamente, seria muito melhor* começar com os conceitos que não solicitam identificação dos propósitos dos criadores, fazendo as correções necessárias quando houver a aparência de que não estão sendo cumpridos. Os conceitos teóricos devem começar com o input, o output e o funcionamento da organização como sistema e não com os propósitos racionais de seus líderes. Podemos desejar utilizar tais noções intencionais, para que estas nos conduzam às fontes de dados ou para que sirvam como assuntos especiais de estudo, mas não como nossos constructos teóricos básicos para compreender organizações.

Nosso modelo teórico para a compreensão de organizações é de um sistema de energia input-output, no qual o retorno da energia do output reativa o sistema. As organizações sociais são flagrantemente sistemas abertos, porque o input de energias e a conversão do produto em novo input de energia consiste em transações entre a organização e seu meio ambiente.

Todos os sistemas sociais, inclusive as organizações, consistem em atividades padronizadas de uma quantidade de indivíduos. Além disso, essas atividades padronizadas são complementares ou interdependentes em relação a algum produto ou resultado comum; elas são repetidas, relativamente duradouras e ligadas em espaço e tempo. Se o padrão de atividade ocorresse uma única vez ou a intervalos imprevisíveis, não poderíamos falar de organização. A estabilidade ou recorrência de atividades pode ser exa-